

CORRESPONDÊNCIA ENTRE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO E MÁRIO DE ANDRADE: ANOS 30 – CARTAS DE REGIONALISMO E MUNDIALIZAÇÃO

Profª Drª Edna Maria Rangel de Sá – UFRN

Da década de 30, teremos 47 cartas de Câmara Cascudo e 28 cartas de Mário de Andrade. Nesta década, percebemos uma inevitável imbricação da política com a literatura e a cultura, já que os anos 30 foram marcados por intensa agitação política, greves e aprofundamento da crise econômica. É nessa década que ganham importância movimentos como a Ação Integralista Brasileira (AIB) e a Aliança Nacional Libertadora (ANL). Em 1928 é fundado o Partido Fascista Brasileiro. A organização mais representativa dos fascistas, porém, será a Ação Integralista Brasileira (AIB), fundada em 1932 pelos escritores Plínio Salgado e Gustavo Barroso e que, em menos de quatro anos, reúne um número exorbitante de adeptos em todo o país. De inspiração nazi-fascista, adota uma simbologia nacionalista: uma camisa verde como uniforme e, como saudação, a palavra *anauê*, uma interjeição da língua tupi. O movimento é apoiado por setores direitistas das classes médias, dos latifundiários e dos industriais. Recebe a adesão de representantes. Recebe a adesão de representantes do clero católico, da polícia e das Forças Armadas. Defende um Estado autoritário e nacionalista que promova a “regeneração nacional”, com base no lema “Deus, pátria e família”.

Em 1932, as elites paulistas deflagram a Revolução Constitucionalista contra o Governo Federal. Em 09 de julho de 1932 estoura a rebelião armada. As forças paulistas comandadas pelo General Isidoro Dias Lopes ficam isoladas: não recebem ajuda dos outros estados e a Marinha bloqueia o porto de Santos impedindo-os de comprar armas no exterior. Os paulistas se rendem em 03 de outubro, depois de quase três meses de luta.

Fundada em 1935, a ANL torna-se uma grande frente política formada por ex-tenentes, comunistas, socialistas, líderes sindicais e liberais aliados do poder. Hercolino Cascudo é escolhido para dirigi-la e Luís Carlos Prestes é o presidente de honra. Congrega operários, estudantes, militares de baixa patente e membros da classe média. Seu rápido crescimento assusta as classes dominantes e surgem campanhas contra a “ameaça comunista”. Em 11 de julho de 1935, Getúlio Vargas decreta a ilegalidade da ANL e manda fechar suas sedes.

Após o fechamento da ANL, o partido comunista começa a preparar uma insurreição armada. Em 23 de novembro de 1935, estoura em Natal, um levante de militares ligados ao partido. No dia seguinte, o mesmo ocorre em Recife e, no dia 27, no Rio de Janeiro. A rebelião fica restrita aos muros dos quartéis, mas serve de argumento para o Congresso decretar estado de sítio. A polícia, dirigida por Felinto Müller, desencadeia violenta repressão aos comunistas.

Em 10 de novembro de 1937, as Forças Armadas cercam o Congresso Nacional e, à noite, Getúlio Vargas anuncia em cadeia de rádio a outorga da nova Constituição da República, que institui a ditadura do Estado Novo.

Durante o decênio de 30, parece mudar a posição do artista, que passa a ter uma maior consciência da condição do intelectual e a buscar a sua função na sociedade e no estado. É aí que muitos intelectuais passam a ocupar cargos no Estado. Alguns, como Mário de Andrade, passam a viver com exclusividade para a nova função, deixando um pouco de lado a sua condição de escritor. Era o intelectual, o poeta, o escritor interagindo com a cultura e tentando mudar o país

através da cultura. Mas não foram poucos a se decepcionarem e perceberem o alto preço que teriam que pagar por essa nova função na sociedade e no Estado.

Segundo o próprio Mário de Andrade, em conferência proferida na Casa do Estudante do Brasil, no Rio de Janeiro, em 30 de abril de 1942 (ANDRADE, 1975), a década de 20 foi uma espécie de preparadora dos acontecimentos que explodiram na década de 30: quando o autor vai falar do “espírito romântico” fazendo uma certa analogia entre este e o espírito revolucionário modernista, ele deixa claro essa relação entre as duas décadas citadas –“Foi essencialmente um preparador, o criador de um estado de espírito revolucionário e de um sentimento de arrebenção”. Mais adiante, completa:

Este espírito preparou o estado revolucionário de que resultou a independência política, e teve como padrão bem briguento a primeira tentativa de língua brasileira. O espírito revolucionário modernista, tão necessário como o romântico, preparou o estado revolucionário de 30 em diante, e também teve como padrão barulhento a segunda tentativa de nacionalização da linguagem (ANDRADE, 1975, p. 241-250).

Segundo a conferência supra citada, foi o Modernismo, com seu espírito revolucionário, que possibilitou a conquista ao direito à liberdade de criação pessoal, à pesquisa estética constante, nas artes, e preparou o estado revolucionário de muitas outras manifestações socioculturais do país.

Nesses dois decênios, 30 e 40, assistiremos ao admirável esforço dos intelectuais brasileiros, modernistas da Semana de Arte Moderna e da nova geração, em construir uma literatura universal válida. E talvez venha daí a busca do equilíbrio entre a pesquisa local e as aspirações cosmopolitas. Este parece ser a década da maturação dos frutos semeados na década de 20, assim como da colheita e seleção desses frutos, ou seja, da produção das obras e da “criação” de um cânone nacional.

Em 1930, Cascudo parece já fazer parte do “cânone” no centro sul do país, como atesta a carta de Mário de Andrade de 02 de junho de 1930. Os escritores incluídos no segundo trecho da carta são aqueles que formarão o “primeiro cânone nacional” e são representantes legítimos da literatura modernista de 1930:

Fica tudo decidido assim: sua colaboração no Diário Nacional sai às quintas-feiras. Não deixe de mandar sempre com bem cálculo para que o jornal não quebre a linha. Imagine só: foi reservado o canto de cima, direita do leitor, diariamente pro que no Diário estão chamando de “o primeiro tem”. Somos: você, Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho, Alcantara Machado, Carlos Drummond de Andrade e eu. Cada um tem seu dia certo e quando falha você compreende: é um desastre. Escangalha a pagina, a sensação do leitor fino que procura a gente no jornal, é o diabo. A secção está fazendo furor, comentada, lida, aplaudida.

Em consequência dos movimentos políticos que estouram em todo o país, há uma inevitável imbricação entre estes e os temas literários e culturais. Em tal circunstâncias, Mário de Andrade, em carta de 18 de novembro de 1930, relata com detalhes os acontecimentos, emoções e sofrimentos, seus e de seus familiares, em decorrência da revolução de 30:

Assim eu com essa revolução. Primeiro foram as tristezas do abatimento, nesta cidade envergonhada que era o foco do perrepismo, você sabe. Meu mano preso, inquietações das mulheres da família que apesar de enérgicas

não chorando, bem mostravam pela largura dos olhos o terror que ia por dentro e os pasmos da irresolução.(...) Sofri bem, companheiro, foi terrível, dentro de casa esse pasmo angustioso com sabor de morte pelo mano sequestrado, fora de casa seguido pro secretas, perguntando sobre os caminhões que paravam na nossa porta e a paúra perrepista imaginava cheio de armas, de traições e perigos. Um inferno

Nos anos 30, Mário de Andrade estava presente no Rio Grande do Norte, e Nordeste, através de sua correspondência com Cascudo, e das obras que eram sempre enviadas por Mpario e distribuídas por aquele entre os amigos potiguares. Cascudo enviava, quase sempre via Mário de Andrade, artigos e plaquetes sobre assuntos diversos para jornais e revistas Dio Centro sul do país, e que muitas vezes circulavam em países como Portugal e Argentina. É o autor de Alma Patrícia(1921) que apresenta, via carta, Luís Emílio Soto, escritor e crítico literário argentino, a Mário de Andrade. Primeiro ele envia a Emílio Soto obras de Mário de Andrade, enviando a Mário o endereço do argentino.

O intercâmbio de notícias, ideias, opiniões, livros e pesquisas entre o escritor potiguar e o escritor paulista e, conseqüentemente, entre suas obras, era uma constante. A correspondência, e correspondências, entre Mário de Andrade e Câmara Cascudo parece ser a ponte que liga Nordeste e Centro sul do país em termos literários e intelectuais. Isso fica mais claro se atentarmos para os diversos intelectuais potiguares (como Jorge Fernandes, Waldemar de Almeida, Barôncio Guerra, Antonio Bento, entre outros) e nordestinos (como Ascenso Ferreira e Manuel Bandeira, este último o desenhista pernambucano que ilustra o Livro do Nordeste e que é homônimo do conhecido poeta) que Cascudo apresentou a Mário de Andrade enviando-lhe trabalhos e endereços destes. Algumas vezes Cascudo vai mais longe com o intuito de criar laços de amizade entre Mário e os nordestinos, como atesta carta de 27 de abril de 1931:

Vou confessar um crime de estellionato cometido por mim. A victima é v. Não sei se v. já recebeu uma carta do Barôncio Guerra agradecendo logographicamente o envio de "Remate dos Males". Há neste até uma dedicatória de V. para elle. Eu sou o culpado de tudo, mas não quero que o Barôncio esmoreça no amor furioso que elle tem por V. Para manter esse fogaréu escrevinhei o seguinte corpo de delito: - PRO BARONCIO – e adiante risquei um M com um traço. Só e só. Baroncio ficou alegríssimo e o amor activou-se de uma maneira abundante. Eis aqui o crime. Elle está certo que V. mandou o livro e que aquelle M com um risco quer dizer Mário.

É Mário de Andrade quem faz contato com revistas e jornais de São Paulo onde são publicados trabalhos de Cascudo, são divulgados muitos de seus livros, através de resenhas em jornais, e é ele também que, muitas vezes, cuida de receber e enviar os honorários ao amigo potiguar.

Como vimos, a década de 30 chega com grandes transformações na história geral do Brasil e na vida de Mário de Andrade e Câmara Cascudo. As cartas deste período têm quase sempre um forte tom político-ideológico que, de certa forma, sobrepuja as questões artístico-literárias ou aparecem imbricadas a estas. E estes serão os eixos auxiliares que se sobressairão nas cartas da década dessa época. Durante os anos 30, a presença de Mário de Andrade no nordeste, e em especial no Rio Grande do Norte, se intensifica como resultado de sua visita, no final de 1928. É a partir de 1929/1930 que Mário vai passar a fazer parte, sempre via Cascudo, de várias instituições, como o Instituto de Música, por exemplo, de onde ele se torna

professor Honorário e tem uma sala “batizada” com o seu nome. A década de 30, principalmente na sua segunda metade, irá contemplar um Cascudo mais abatido espiritual, econômica e intelectualmente, que sofrerá alguns embates em diversas áreas da vida.

Mário de Andrade, se na metade da década de 30 enfrenta problemas com as revoluções e movimentações políticas e sofre alguns conflitos internos, a partir de 1935, quando ficará à frente do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, ganhará novos ânimos, vibrará e parecerá mais feliz e realizado e muito mais produtivo.

O integralismo, assim como a Insurreição Comunista e a 2ª Guerra Mundial deveriam estar entre os assuntos amplamente discutidos nessa conversa epistolar. Mas, curiosamente, não estão. Atribuímos isso aos cortes, intencionais ou não, naturais ou induzidos, presentes nessa correspondência.

Essa década, vista através da correspondência trocada entre Mário de Andrade e Câmara Cascudo, é marcada pelo tom regional, no sentido de buscar conhecer melhor o Nordeste e o Rio Grande do Norte e seus intelectuais, e o de mundialização, no sentido de inseri-los no cenário nacional e mesmo mundial.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Literatura Brasileira*. 6. Ed. São Paulo: Martins, 1975

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. As literaturas locais e o sistema literário nacional. X Congresso ABRALIC 2006. Disponível em: www.abralic.org.br

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: Editora Universitária UFRN, 1995.

AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984.

CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: . *Literatura e sociedade*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1980. p. 109-138.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Alma patrícia: crítica literária*. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1998.

MELLO, Evaldo Cabral de. *A ferida de Narciso: ensaio de história regional*. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

MOREIRA, Maria Eunice. Regionalismo literário rio-grandense: invenção da historiografia literária. In: MALLARD, Letícia et al. *História literária: ensaios*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994. p. 75-100.

XIII Encontro da ABRALIC
Internacionalização do Regional

10 a 12 de outubro de 2012
UEPB/UFCG – Campina Grande, PB